DOI 10.5216/ov18i1.46879

NAS HORAS DE DEUS, AMÉM! RITUAL E SIMBOLOGIA DAS FOLIAS DE REIS NO MUNICÍPIO DE JANUÁRIA-MG

*Iara Toscano Correia**

Resumo: O artigo traça um panorama sobre as manifestações religiosas ligadas ao ritual das folias de reis presentes no município de Januária-MG. As folias de reis, enquanto expressão da religiosidade popular, são festividades que se expressam a partir de autos natalinos, encenando o nascimento e a anunciação do menino Jesus. Em Januária a diversidade dos grupos (comunidades, famílias, bairros) envolvidos nessa tradição denota a força das folias de reis na região. O estudo partiu da observação de três grupos de folias distintos. Por meio de entrevistas, análise de textos bíblicos e teóricos, foram possíveis a caracterização do ritual e a construção de um quadro comparativo dessas práticas no contexto da região Norte de Minas Gerais.

Palavras-chave: Folia de Reis; Tradição; Religiosidade Popular.

* Docente na Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil. É doutora em História pela Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, com mestrado em História Social pela mesma universidade. Atua como professora e pesquisadora, com ênfase em História da Cultura, perseguindo os seguintes temas: história local, cultura popular, imaginário, religiosidade popular. E-mail: iaratoscano@hotmail.com

IN THE HOURS OF GOD, AMEN! RITUAL AND SYMBOLOGY OF THE *FOLIAS DE REIS* IN THE COUNTY OF JANUÁRIA-MG

Abstract: The article provides an overview on the religious manifestations linked to the ritual of *folias de reis* present in the county of Januária-MG. *Folias de reis*, as an expression of the popular religiosity, are festivities based on Christmas celebrations, staging the birth and the annunciation of the baby Jesus. In Januária the diversity of the groups (communities, families, neighborhoods) involved in this tradition denotes the strength of the *folia de reis* in the region. The study was based on the observation of three groups of distinct *folias*. Through interviews, analysis of biblical and theoretical texts, it was possible to characterize the ritual and to construct a comparative picture of these practices in the context of the Northern region of Minas Gerais.

Keywords: *Folia de Reis*; Tradition; Popular Religiosity.

EN LAS HORAS DE DIOS, ¡AMÉN! RITUAL Y SIMBOLOGÍA DE LAS *FOLÍAS DE REYES* EN LA CIUDAD DE JANUÁRIA-MG

Resumen: El artículo proporciona una visión general de las manifestaciones religiosas vinculadas con el ritual de *las Folías de Reyes* que tienen lugar en la ciudad de Januária-MG. Las *Folías de Reyes*, como manifestación de la religiosidad popular, son festividades que se expresan desde los autos de Navidad que llevan al escenario la teatralización del nacimiento y de la anunciación del Niño Jesús. En Januária la diversidad de grupos (comunidades, familias, barrios) que participan en esta tradición denota la fuerza de *las Folías de Reyes* en la región. El estudio se inició a partir de la observación de tres grupos distintos de fiestas. A través de entrevistas, análisis de textos bíblicos y teóricos, fue posible caracterizar el ritual y la construcción de un cuadro comparativo de estas prácticas en el contexto de la región norte de Minas Gerais.

Palabras clave: *Folías de Reyes*; Tradición; Religiosidad Popular.

1.1 - A devoção aos Santos Reis em Januária

Januária é uma pequena cidade dentro de um grande município, situado na margem esquerda do Rio São Francisco, na região Norte de Minas Gerais. As festas religiosas populares na região vicejam rituais ancestrais, entre famílias e comunidades urbanas e rurais. São tantos e tão diversos os grupos ligados aos festejos de reis que foi difícil estabelecer um recorte para a análise. Na sistematização da pesquisa acompanhamos de perto três grupos, também denominados aqui de ternos de reis, que possibilitaram elaborar um quadro comparativo dessas práticas na região. Vamos a eles:

O *Terno de Reis dos Figueiredos* é, de acordo com o antropólogo Edilberto Fonseca, provavelmente, um dos ternos de folia de reis ainda em função mais antigos do Brasil (FONSECA, 2010 p. 35). Em 06 de janeiro de 2016 o terno completou a incrível marca de 128 anos ininterruptos de andanças entre cidades, vilarejos e comunidades rurais. Motivo de muito orgulho para a imensa prole de dona Bia Figueiredo, matriarca da família. Hoje, na quarta geração de imperadores, o terno está sob a liderança de Miguel Figueiredo, tido com grande respeito por seus foliões e por aqueles a quem visita. Atualmente, o grupo conta com uma formação de aproximadamente vinte componentes.

O *Terno de Reis do Alegre* é ligado à comunidade rural de Alegre, distrito de Riacho da Cruz, nas adjacências de Januária, e sua liderança é exercida por uma mulher, diferente dos demais observados. Esse grupo possui várias integrantes femininas, o que ainda hoje não é muito comum nessa região. A tradição de reis postula que as mulheres devem se dedicar aos ternos de pastorinhas e aos preparativos para a festa, enquanto que a peregrinação dos reis é atribuição masculina.

O *Terno de Reis do Zé Preto* é organizado pela *família dos Pretim* da comunidade Pé da Serra, distrito de Brejo do Amparo. José Correa de Oliveira, conhecido como Zé Preto, com 75 anos, está à frente do grupo há pelo menos quarenta anos. Pelos seus cálculos, essa tradição é desempenhada em sua família há pelos menos 160 anos. Seus tios, os antigos mestres dessa folia, a levaram para o interior de São Paulo quando para lá migraram para trabalhar na agricultura e seguiram com a folia durante muitos anos. Em 1962, eles ofereceram a Zé Preto o posto de tutor, e ele, mesmo sendo jovem e desconhecendo os mistérios da folia, aceitou o desafio. Foi assim que ele a trouxe de volta para a comunidade Pé da Serra. Seu grupo conta com 22 componentes, que se revezam no canto e nos instrumentos. São sobrinhos, primos, cunhados e netos, que no dia 31 de dezembro se põem a circular com sua folia pela zona rural do entorno do distrito de Brejo do Amparo.

1.2 - O enredo da Folia de Reis

A tradição bíblica do Novo Testamento narra as passagens da vida de Jesus Cristo entre os homens a partir do relato de seus quatro evangelistas: Mateus, Marcos, Lucas e João. No entanto, apenas um desses evangelhos traz a alegoria sobre a visita ao menino-Deus de certos magos vindos do oriente. Em Mateus (2, 1-12) podemos ler:

> Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, em dias do rei Herodes, eis que vieram **uns** magos do oriente a Jerusalém.
>
> E perguntavam: Onde está o recém-nascido Rei dos Judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para adorá-lo.
>
> Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes e, com ele, toda Jerusalém, então convocando todos os principais sacerdotes e escribas do povo, indagava deles onde o Cristo deveria nascer.
>
> Em Belém da Judéia, responderam eles [...]
>
> Com isto Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu deles com precisão quanto ao tempo em que a estrela aparecera.
>
> E, enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide informar-vos cuidadosamente a respeito do menino; e, quando o tiverdes encontrado, avisai-me para eu também ir adorá-lo.
>
> Depois de ouvirem o rei, partiram; e, eis que a estrela que viram no Oriente os precedia, até que, chegando, parou sobre onde estava o menino.
>
> E vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo.
>
> Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostraram-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra.
>
> Sendo por divina advertência prevenidos em sonho para não voltarem à presença de Herodes, regressaram por outro caminho a sua terra. (BÍBLIA, Mt 2, 1-5ª.7-12, grifo nosso).

Este trecho é o princípio fundador em que se baseiam em geral os grupos de folias de reis para a elaboração de seu ritual. Com base nesse pequeno relato, um vasto repertório foi construído a esse respeito. Observem que o texto não indica se os magos eram reis ou santos, tampouco registra a quantidade daqueles que seguiam uma estrela rumo a Belém. De acordo com Antônio Henrique Weitzel (2001), estudioso da religião, uma série de interpretações foi sendo construída ao longo de séculos em torno desse acontecimento bíblico, disseminada pela paulatina evangelização e dispersão do catolicismo pelo mundo, e fincando profundas raízes no imaginário devocional cristão.

Segundo Weitzel (2001), teria sido São Cesário (470-543), bispo de Arles na França, o primeiro a atribuir o título de reis aos magos. Desse modo, somente a partir do século VII, postulou-se que esses magos eram três. Para Weitzel (2001), são duas as explicações para isso: primeiro por terem sido três os presentes ofertados (ouro, incenso e mirra); e, segundo, porque o número justifica o simbolismo cristão ligado às três raças oriundas dos filhos de Noé (Sem, Cam e Jafé): os *semitas*, que compreendem os hebreus, assírios, aramaicos, fenícios e árabes; os *camitas*, habitantes da África e da Ásia Ocidental e os *jaféticos*, povoadores do planalto central asiático e parte da Europa. Os intérpretes bíblicos queriam significar com isso que "o Messias prometido veio não apenas para os judeus, mas para toda a humanidade." (WEITZEL, 2001, p. 18).

Teria sido nesta mesma época que São Beda, o Venerável (673-735), atribuiu uma aparência física a estes magos: "Melchior, era velho, de barbas longas e espessas; Gaspar era jovem, imberbe e ruivo; Baltazar era negro, de barba cerrada. " (WEITZEL, 2001, p. 18-19). Diante disso, a partir do século XII os então Três Reis Magos – nomeadamente Melchior

(também conhecido como Brechó pelos foliões), Gaspar e Baltazar – passaram a ser cultuados popularmente como santos. Todavia, a Igreja nunca atribuiu oficialmente uma santidade a esses magos/reis. No dia 06 de janeiro comemora-se, dentro do calendário litúrgico, a festa da Epifania do Senhor:

> [...] que quer dizer aparição, manifestação, porque Cristo se manifestou então aos olhos do mundo, de toda a humanidade, representada pelos Reis Magos. Faz-se alusão a eles em todo o próprio da missa deste dia de festa, que é a segunda solenidade do ciclo natalino. E, nenhum momento, porém, lhes dá o título de reis ou de santos. O povo é que os canonizou, o mesmo tendo acontecido com os primeiros santos do cristianismo. (WEITZEL, 2001, p. 20).

A narrativa bíblica presente no Evangelho de Lucas corrobora na caracterização da Epifania de Jesus no capítulo intitulado "O nascimento de Jesus Cristo":

> [...] José também subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, para a Judéia, à cidade [...] chamada de Belém [...] a fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida [...] e ela deu à luz o seu filho primogênito. [...] Havia naquela mesma região **pastores que viviam nos campos** [...] e um **anjo do Senhor** desceu aonde eles estavam e a glória do Senhor brilhou ao redor deles; [...] o anjo, porém, lhes disse: Não temas: eis aqui vos trago boa nova de grande alegria [...] é que hoje vos nasceu na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor [...] E isso vos servirá de sinal: encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada em manjedoura [...] e subitamente apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial [...] e, ausentando-se deles os anjos para o céu, diziam os pastores uns aos outros: Vamos até Belém [...] Foram apressadamente e acharam Maria e a criança deitada na manjedoura [...] voltaram, então, os pastores glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes fora anunciado. (BÍBLIA, Lc 2, 4ab-5. 7a.8-10b.11-113ab.15ab.16-17).

No Evangelho de Lucas não se menciona a visita de magos, mas tão somente a dos pastores que viviam nos campos, sendo que a Anunciação teria sido feita por um anjo. Partindo dessas narrativas bíblicas, é possível perseguir a construção do imaginário popular que recobre o culto aos Reis Magos e o vasto repertório construído em torno das folias de reis ao longo de séculos. Contudo, tal imaginário não foi elaborado tendo por base unicamente a matriz bíblica. Um vasto repertório de interpretações sobre este remoto episódio anunciado pelos evangelistas Mateus e Lucas foi sendo criado e recriado nas mais diferentes regiões onde se instalou o cristianismo por gerações e gerações.

Ao narrar livremente a saga do nascimento do Menino-Deus, tendo por base a narrativa entoada nas cantorias das folias de reis, a versão do mestre de folia Zé Preto, em Januária, sobre esse episódio é rica e extrapola o texto bíblico em muitos pormenores, dando asas à imaginação ao conceber o nascimento de Cristo:

> [...] Os **magos** estavam no campo, com os bichos, né? Eles eram vigias dos animais [...] era um pessoal muito temente a Deus, e eles queriam saber como essa notícia tinha surgido, que tinha esse Rei e que ia ser o Rei do mundo. E eles queriam ir lá vê: "– Diz que é pra banda de Belém, e nós vamos pra lá". Então isso eles fizeram. Arriaram os **cavalo** lá, os camelo, e foram viajando no rumo lá. Ali surgiu, na época uma estrela, e essa estrela, eles pensaram: "essa estrela deve ser um guia pra nós, vamos na direção dela. Então, eles iam, viajavam, viajavam, viajavam, parava num lugar pra descanso. Aí encontrando alguém lá,

ISSN: 2177-5648 OPSIS (Online), *Catalão-GO*, *v*. 18, *n*. 1, *p*. 177-189, jan./jun. 2018

> disse: Moço! Cês vão atrás, cês têm que perguntar ao rei Herodes, [...] Passa a saber se ele num sabe desse rei que vai surgir aí". Os magos foram e viajaram pra lá [...]. Quando chegou na **casa** do rei Herodes pediu a ele **pousada**, e lá eles ficaram. Então durante a noite, eles tiveram uma **conversa** com o rei [...]. E o rei Herodes, disse: "– Eu também tive essa notícia. Que bom que vocês estão indo! [...] agora tem uma coisa: vocês vão e voltam, passando por aqui vocês vão me falar que eu também quero ir adorar". Os reis magos: "– Tudo bem". Ficaram por ali. Quando foi lá pelas dez hora, pegaram os instrumentos deles, que eles levaram pra tocar pra cantar lá, louvando e bem dizendo a Deus, né? E colocou os **instrumentos** e viajaram. E quando foi à noite a estrela apareceu de novo [...]: " – A estrela lá, vamos no rumo dela". E de vez em quando aparecia uma visão, que eles tava certo, que era ali. De vez em quando uma visão. Veio uma estrela. Veio uma pessoa e falou: "Olha no rumo que vocês estão vocês tá certo". "– É verdade. O Menino nasceu mesmo!". Então eles foram. Até que chegou num morro lá, e a estrela pousou. Eles falô: "Olha! Tamo chegando, a estrela pousou". Quando chegou perto viu o movimento de animais. **O galo, o boi, o carneiro**. E eles foram descendo do cavalo e foram olhando aquilo ali. Viu duas pessoas lá. Eles foram chegando pra perto, era José, Maria e Jesus [...]. E então o que que eles fizeram? Eles entraram, inclusive, eles dizem que era muito **apertadim** pra entrar lá, e na hora que viu, e aí cada um da sua vez, foi chegando e foi fazendo lá a sua benzição lá. Um chegou, joelhou, outro passou chegou aqui joelhou também, o outro chegou e também [...] eles tavam com **embornais** e eles tiraram, cada um levou um presente. E esse presente, é por exemplo, a mirra, o ouro e o incenso [...], então foram os presentes que os Reis Magos levou pra Jesus. Eles tiveram ali e saíram e foram embora.

> [...] o que que quer dizer isso? Dessa estrela, desse anjo? De tudo? Que era o próprio Jesus que tava guiando os magos, né? Aquela estrela era o próprio Jesus, né? Porque ele veio mostrar pra nós como que nós temos que ser. Como nós temos que caminhar nesse mundo, com a humildade. Não precisa muita **bazófia**, pobrezinho, mas com a fé, [...] porque sem Deus nós não somos nada. Então os magos tiveram muita fé, e os magos [...] vamos dizer assim, eles foram muito bem olhados, porque nada aconteceu com eles, mas nada foi contra eles em nada, porque o próprio Deus estava ali ensinando tudo, e o Jesus que tinha nascido tava ajudando também ali, e ele era uma estrelinha que estava guiando ali, para os anjos, para os magos, para o povo de Deus passar. [...] filho de Herodes, Arquilau, foi governar no lugar dele, mas também acabou-se tudo. Porque quem é contra Deus vai se acabando. (OLIVEIRA, 2012, grifo nosso).

A explicação ampla, mas coerente, do Sr. Zé Preto revela uma história rica em detalhes sobre o nascimento de Cristo. Muitos elementos de Lucas e Mateus se fundem em uma narrativa dramática que, tal como em uma peça de teatro, se desenrola com cenário, personagens e enredo próprios. Os diálogos são reconstruídos para garantir uma maior veracidade aos fatos e, ao final, uma moral é apreendida. Percebe-se que ele se soma a versão de Mateus e Lucas, em que os pastores são tidos como magos e *estavam no campo*, *com os bichos*, talvez porque seja melhor que esses pastores sejam especiais, como *magos*, ou porque a definição de mago seja muito distante da realidade do Sr. Zé Preto. Enfim, cria-se uma narrativa que faz sentido, incorporando em seu repertório elementos de seu cotidiano, tais como: o *cavalo*, a *pousada*, a *casa*, os *instrumentos*, o *galo*, o *boi*, o *carneiro*, e os *embornais* com os presentes. Mestre Zé Preto nos informou que tira a inspiração para seus versos dos *Evangelhos de Mateus* (*capítulo dois, verso onze*), *Marcos e São Lucas*.

A informação de que os magos levavam instrumentos para cantar diante do Menino-Deus, bem como a menção a outros sinais, além da estrela, que teriam sido enviados aos reis para indicar o caminho certo são utilizadas no sentido de justificar a peregrinação desses músicos que pregam a humildade em seu gesto ritual e evangelizam por meio da palavra cantada.

A lição maior que se deve retirar dessa passagem é a humildade. Esta é para todos os grupos observados a mensagem mais importante da passagem dos Reis Magos: a humildade de magos (reis) que percorrem um longo caminho para visitar uma criança pobre, nascida em uma singela *lapinha* (gruta), junto aos animais do estábulo.

A fonte dos fragmentos discursivos que compõem a trama do nascimento de Cristo é encontrada em diferentes suportes narrativos que, (re)elaborados em uma história coerente, se apresentam com início, meio e fim. Mesclam-se, assim, enunciados encontrados nas escrituras sagradas, na tradição oral, na explicação evangelizadora de padres e leigos, nos programas de rádio e televisão, na encenação de filmes bíblicos, enfim, em diferentes suportes discursivos. Múltiplos fragmentos são acionados no intuito de reconstruir uma narrativa coerente, cujo significado é também pedagógico, pois acima de tudo se propõe a evangelizar a comunidade em questão levando-lhe a palavra de Deus.

1.3 - A força do ritual na função dos reis

O propósito de um grupo de folia de reis – ou reis de caixa, como também são conhecidos em Januária – é o de anunciar a boa nova sobre o nascimento de Jesus Cristo sob a forma de uma *função*[1], geralmente em pagamento de promessa, assim como para fins de evangelização. Um folião quando faz uma promessa aos Santos Reis deve cumprir o preceito de sair com o terno por, pelo menos, sete anos consecutivos. Só assim a promessa pode ser considerada paga, e ele quite com o santo.[2] Mas, em muitos casos, as folias transcendem esse período de pagamento de promessa e atravessam gerações, impulsionando grupos que podem se circunscrever tanto à esfera familiar, como a toda uma comunidade incentivada e dirigida por mestres e mestras, líderes respeitados e reconhecidos entre seus pares por portarem um saber ancestral. São os avós, padrinhos e madrinhas de quase todos na comunidade.

A forma como se desenvolve a função de reis e algumas de suas características gerais preservadas no ritual permitem identificar um grupo, em Januária ou alhures, como terno de folia de reis. Contudo, cada grupo apresenta peculiaridades muito próprias, não somente dentro do universo que recortamos para esta pesquisa, como em todos os estudos de caso que abordam as folias de reis a que tivemos acesso. Cada terno funciona com uma margem de tradição e de invenção, que é justamente o que lhe garante a perpetuação.

O antropólogo Carlos Rodrigues Brandão definiu um terno de folia de reis como: "[...] um grupo precatório de cantores e de instrumentistas, seguidos de acompanhantes e viajores rituais, entre casas de moradores rurais, durante um período anual de festejos dos Três Reis Santos, entre 31 de dezembro e 6 de janeiro." (BRANDÃO, 2004, p. 347).

Essa prática da religiosidade popular reencena a visita dos Reis Magos ao Menino-Deus. Entre casas de amigos e parentes, os ternos de folias de reis perfazem um *giro*, ou seja, circulam dentro de um território previamente estabelecido, no período entre o Nascimento e a Epifania, visitando, fazendo orações, distribuindo bênçãos e recolhendo esmolas para o dia da festa. (BRANDÃO, 1981, p. 22)

Entre a saída da folia e a entrega da Festa se desenvolve o *giro*. Este é o trajeto previamente demarcado, entre os foliões e as pessoas que irão receber o grupo em peregrinação, por onde circulará a folia. Esse percurso não se desenvolve de maneira aleatória. Ele deve reproduzir simbolicamente o caminho percorrido pelos Reis Magos na visita à gruta de Belém. Assim, é necessário seguir o preceito de evitar retornar pelo caminho por onde já tenham passado, simbolizando com isso o gesto dos Reis Magos que, no retorno da visita, fizeram um caminho diferente da ida: "Sendo por divina advertência prevenidos em sonho para não voltarem à presença de Herodes, regressaram por outro caminha a sua terra" (Mateus 2-12, Bíblia Sagrada, 1969, p. 6). Miguel Figueiredo explica os fundamentos deste preceito:

> [...] na saída da folia, o imperador com o folião de guia marcava o percurso. Então, ele não podia, além de não saltar nenhuma casa, tá indo e vindo pelo mesmo caminho. Só tinha uma ida. Isso se explica porque no caminho dos Três Reis só tinha uma ida e na ida deles eles encontraram o Herodes. O rei Herodes perguntou pra onde eles estavam indo, a quem eles estavam indo adorar e soube que tinha nascido um menino. E que ele também queria descobrir, pra que ele também pudesse adorar. Se os três Reis Magos soubessem, voltassem pra anunciar pra ele ir lá adorar. Então, os Três Reis foram avisados também que não voltassem a Herodes porque a intenção de Herodes era de ir lá matar a criança. Então, daí, desse exemplo dos três Reis é que as folias se espelham. Eles têm que ir por um caminho só. [...] pra não dar a pista a Herodes de onde estava o Menino-Deus [...]. (FIGUEIREDO, M., 2011).

Desse modo, à medida que o território do giro da folia tem o seu espaço demarcado, uma nova relação se estabelece, e ele é considerado, a partir daí, consagrado para os ternos de Santos Reis. Todo o processo, que vai da *saída* dos foliões até o dia da *entrega* da folia, se desenrola ao longo de no mínimo cinco dias. A finalidade da jornada é louvar o menino Jesus, evangelizar, alegrar e, enfim, *entregar* a responsabilidade para o próximo festeiro, o novo *imperador*, que no ano seguinte será o responsável pelo novo ciclo de peregrinações, perpetuando o ritual.

Outro preceito importante e que deve ser observado é de que o terno de reis deve bater em todas as casas circunscritas pelo giro, sem falhar nenhuma. Dona Chica, no Alegre, lembra que estes preceitos estão explicitados nos versos de reis: "Santos Reis saiu visitando ricos e pobres, cada um dá o que tem, cada um dá o que pode." (SANTOS, F., 2011).

Um terno de folia tem como dever moral chamar em todas as portas. Contudo, respeitam-se as residências cujas famílias são sabidamente evangélicas. Em geral, a comunidade que vai receber o giro dos reis fica à espera do grupo. Muitas vezes, ela já foi avisada por outros que vão na frente de onde caminha o grupo. Nesse caso, os fiéis ficam prevenidos com os *comes e bebes* tradicionais. É de praxe servir um *café* ao Reis, geralmente, acompanhado de biscoitos de

polvilho, pão de queijo, bolachas e alguma outra bebida que deve ser sempre entregue ao líder que, em geral, controla sua distribuição entre os foliões. No mais, são feitas doações para a festa.

Dependendo das posses do devoto, é importante não se furtar a uma doação em dinheiro. Miguel Figueiredo interpreta a simbologia das esmolas dentro da folia da seguinte maneira:

> [...] Os foliões é uma representação dos Três Reis Magos, que a Igreja [...] elevaram eles na condição de santos, né?[3] Os Três Reis Magos pelo gesto, do reconhecimento da humildade de que Deus escolheu o Filho Dele para nascer de uma família pobre, numa cidade pobre, porque a preferência de Deus era pelos pobres. Mas, com o aval dos ricos, né? Que os Reis Magos eram ricos, eram reis, eram magos, eram homens poderosos, né? Tanto é que os presentes deles foi o ouro, o incenso e a mirra. É por isso que cada família hoje, quando você canta na sua casa, dá também a sua oferta, dá também o seu presente. O pessoal fala dar esmola. [...]. (FIGUEIREDO, M., 2011).

Oferecida de bom grado, a esmola pode retornar na forma de graças e recompensas para a família doadora. Contrariar tal preceito pode ocasionar uma punição por parte dos Santos, intermediários de Deus, que a tudo vê. Alguns versos citados na folia do Zé Preto (2012) são reveladores nesse sentido:

> [...] E também o Sr. Tadeu
> Santos Reis lhe pede a oferta
> Santos Reis lhe pede a oferta
>
> Ele pede a santa oferta
> Mas não é por caridade
> Mas não é por caridade
>
> Ele pede é experimentando
> Quem dá de boa vontade
> Quem dá de boa vontade

Um grupo, ou terno de folia, é composto pelos foliões, que são os músicos, tocadores e cantadores. A posição ocupada dentro do terno varia de acordo com a formação musical e com a experiência de cada um dentro da folia. Os iniciantes começam com o *balainho*, o reco-reco e vão evoluindo na percussão, até se tornarem tocadores de caixa, ou de bumbo. Por essa razão, a folia de reis também é conhecida nessa região como reis de caixa, devido à presença de uma caixa/tambor de percussão que marca a batida e o ritmo desse tipo de folia.

Para Miguel Figueiredo (2011), uma folia deve contar com no mínimo doze componentes:

> [...] A folia de reis ela é composta da seguinte forma: tem a pessoa que é o coordenador, que recebe o nome de imperador. Imperador é aquela pessoa que é o responsável pela festa do ano, que vai organizar a festa. E o terno ele é composto da seguinte forma: folião de guia é o mestre cantador. Tem o mestre reiseiro, que é o mestre que segue com a folia a cada ano [...], é o imperador. Existe muitas designações, capitão de guia, mestre reiseiro, imperador [...], é a mesma função. Aqui as folias nossas, do Norte de Minas, ela é da seguinte forma: tem o folião de guia, que canta em dueto com um outro folião, um fazendo a primeira voz e o outro fazendo a segunda, e tem uma outra dupla, um outro dueto que responde ao que eles falam, né? Como o contra guia, então, são aqueles que estão respondendo ao que eles falam. Dentro daí vêm os demais componentes, vem a viola, vêm os músicos de

> viola, instrumentos de corda: violão, violino, cavaquinho; instrumento de percussão, que é a caixa, o bumbo, que é o pandeiro, que é o balaio, que é o reco-reco. Normalmente, uma folia quando entra na roda pra saudar uma lapinha tem que ter ali doze foliões.

Em Januária, encontramos grupos compostos por oito e até por vinte e dois participantes. Analisando a estrutura interna de um grupo de reis, identificamos uma hierarquia entre os foliões. O elemento fundamental para a coesão do grupo é, sem dúvida, o *imperador*, que também pode ser nomeado de outras formas, variando muito de grupo para grupo: *capitão*, *chefe*, *gerente* ou *tutor*. Em algumas situações, esse posto é desempenhado pelo próprio *dono* da folia, ou por seu fundador. Em outros casos, esse papel pode ser indicado pelo grupo ou pela comunidade, ou ainda ser designado pelo autor da promessa que, por algum motivo, não possa acompanhar o grupo.

No caso da folia da Comunidade Pé da Serra, o Sr. Zé Preto foi escolhido entre seus pares para se tornar o líder. Na Folia de Reis dos Figueiredos, quando o imperador José Figueiredo faleceu a folia ficou com seu irmão, que assumiu a responsabilidade de conduzir os foliões até o momento em que o filho mais velho do falecido imperador, José Figueiredo Filho (pai de Miguel), estivesse pronto para assumir a liderança do grupo.

Aquele que ocupa a função de coordenador da folia tem o dever de zelar para que a missão seja cumprida a contento, evitar o desregramento e a má conduta de seus foliões e, acima de tudo, primar pela qualidade musical dos reis que se está executando. Dessa forma, sua autoridade deve ser inquestionável.

O respeito e a obediência foram – de acordo com o Sr. Zé Preto, gerente da folia da comunidade Pé da Serra – a sua principal preocupação ao assumir a liderança do grupo, há mais de cinquenta anos. Quando os membros mais velhos dessa folia lhe ofereceram o encargo, seu questionamento ao grupo foi: "[...] eu posso até ser o tutor daí, mas é preciso que todos me obedeçam. E como é que vocês que já têm num sei lá quantos anos vai obedecer a mim que sô (novo)...?" (OLIVEIRA, 2012).

Aceitar ainda jovem a direção da folia de sua família, que vem de uma tradição de mais de 160 anos, tendo o pai e os tios como membros e velhos foliões de guia, foi o desafio que ele teve que enfrentar para que o grupo seguisse em frente. Isso implicaria, primeiramente, na aceitação incondicional do seu mando, colocado à prova, principalmente, quando se tratava de inserir inovações:

> [...] e sempre todos os anos tem as reuniões, eu explico como que é. [...] Inclusive eu tive uns tio que, logo nos dois primeiros anos, eles começaram a beber muito e quando eles bebia eu afastava eles. "– Não. Pode dormir. O senhor vai dormir, depois o senhor levanta. Onde nós tivé ...". Ele ficava danado comigo. [...] "– Como foi que nós conversamos na reunião?" E eles baixavam... (OLIVEIRA, 2012).

A autoridade do líder da folia reside também no reconhecimento de sua capacidade de resolver os imprevistos que, por ventura, surjam ao longo dos vários dias de jornada e convivência, além de administrar as paradas do giro. É dele e do folião de guia a responsabilidade por traçar o giro e deixar previamente acertado o caminho a percorrer e os lugares de parada e pouso.

Abaixo da figura do imperador, na hierarquia de uma folia, está o folião de guia, detentor de todo o repertório de músicas e ações simbólicas. Este, por sua longa experiência, guarda na memória as extensas cantorias e os ritos próprios da folia e, principalmente, sabe improvisar os versos e rimas quando o momento exige.

Em alguns casos, o imperador também desempenha a função de folião de guia. Mas, como esclarece o Sr. Zé Preto, essa é uma situação que deve ser evitada. Um conselho que, segundo ele, recebeu certa vez e que procurou aplicar em sua folia foi que um gerente jamais deve dividir essa função com a de folião de guia, pois isso lhe tira a atenção sobre o que está se passando a sua volta.

O líder da folia precisa estar sempre atento a tudo, principalmente ao comportamento de seus foliões para que nada saia de seu controle. Contudo, podem ocorrer variações. Na comunidade Alegre, por exemplo, observamos que a foliã Zilda Soares desempenha essas duas funções, embora ela também possua todo o repertório na memória. Ao lado dos foliões de guia estão os foliões de contra guia, formando, assim, dois duetos.

Tornar-se um folião de guia leva tempo e dedicação. Ele é preparado durante muitos anos antes de poder sair na liderança de um grupo. Antônio Borges Figueiredo (2011) nos explicou que:

> [...] uma folia de reis ela não se monta assim, da noite pro dia não, né? Existe hierarquias, existe uma hierarquia dento de um terno de reis que são os foliões de guia, são aqueles que conhecem os cantos, né? Que realmente são mestres em algum instrumento, os demais são percursionistas. Então esses quatro foliões de guia, eles são imprescindíveis, se um deles falta aí o terno de reis tem problema, né?

O *ritual de visitação* às casas dura, em média, 40 minutos, entre o canto de chegada e a saudação de despedida. Porém, se houver uma lapinha montada na casa é necessário antes fazer a Saudação da Lapinha. Todos os foliões se colocam à sua volta e, contritos, cantam de maneira poética o nascimento do Menino-Deus.

Durante o ritual de visitação das casas, as passagens são narradas a partir de versos que compõem uma única e extensa canção (exceto para os versos da lapinha, que são separados e cantados solenemente diante dela). Na rua de baixo, a foliã de guia, dona Olegária, nos esclarece que são tantos os versos existentes dentro da folia que é impossível cantar todos eles durante uma visita. Para ela, se assim fosse, o terno levaria a noite toda em apenas uma única residência. Dessa forma, são entoados apenas alguns fragmentos:

> [...] ali é o seguinte: a gente canta de quinze a dez versos do reis, ali a gente encerra, porque tem as outras casas, né? Porque eu canto e outro lá repete a mesma coisa que eu falei, né? Então, quer dizer que a coisa ali já vai demorando [...] tem pessoas que canta o nascimento, né? Canta o padicimento, aí é muita coisa. Pra cantá isso tudo vai a noite inteira. [...] é muito grande. E outra coisa, os batedor de caixa também num aguenta, cansa, cansa mutcho de tá batendo, porque demora mutcho [...], faz até uma metade e para [...] pra poder seguir, né? (ROCHA, 2012).

No Alegre, d. Zilda nos explicou que são muitas as *ramas* (estrofes) dos reis. Quando ela assiste a um reis que acha diferente, inclui mais uma *rama* ao seu repertório. Assim, os reis

não possuem versos fixos, mas obedecem a uma estrutura de enredo. O folião de guia escolhe entre as diversas estrofes que conhece aquela que seja mais adequada a cada situação.

O enredo que se desenvolve nas casas primeiro anuncia a chegada dos Santos Reis, narrando um trecho sobre o nascimento de Jesus e a peregrinação dos Reis Magos. Em seguida, é feito um peditório para a festa, o agradecimento nominal ao dono da casa, esposa e filhos pela esmola ofertada a Santos Reis e, finalmente, um convite para o dia da reza. Com uma saudação aos Santos Reis, Jesus, Maria e José, o terno finaliza a parte do ritual de visitação. Depois disso, os grupos executam um samba, ou lundu, um momento de descontração e danças com temas ligados ao cotidiano do lugar. No Reis do Zé Preto, podemos acompanhar a evolução dessa narrativa na cantoria ocorrida na casa de um morador da comunidade Pé da Serra. Os versos da cantoria transcritos abaixo, na íntegra, são entoados primeiro pelo folião mestre, chamado guia e, logo em seguida, são repetidos pelo folião mestre de contra guia:

Folia do Zé Preto – Saudação em casa de morador

Padre, Filho Espírito Santo
Nas horas de Deus, amém
Nas horas de Deus, amém

Deixa eu me benzê primeiro
Pra livrar dos emporém
Pra livrar dos emporém

E tamém a D. Cida
Santos Reis aqui está
Santos Reis aqui está

Ele mesmo veio em pessoa
A sua oferta vei buscá
Sua oferta vei buscá

E oferta a meus Santos Reis
Não tenha pena de dar
Não tenha pena de dar

A oferta que vós nos deu
Não caba seu cabedá (cadebal)
Não caba seu cabedá (cabedal)

E também os seus filhinhos
Todos eles tão croados
(coroados)
Todos eles tão croados
(coroados)

E nos pés da Virgem Maria
Todos foram colocados
Todos foram colocados

E quando for no dia cinco
Você vai pra nós rezá
Você vai pra nós rezá

E quando for no dia cinco
Tenho a promessa Divina
Tenho a promessa Divina

Mas andava meus Santos Reis
Quando Deus era menino
Quando Deus era menino

Mas quando Deus era menino
Que os anjos no céu cantou
Que os anjos no céu cantou

O tombem a D. Cida
Santos Reis já vai s'embora
Santos Reis já vai s'embora

Deus lhe pague a santa oferta
Deus lhe dê muito que dar
Deus lhe dê muito que dar

E também o seu Tadeu
Não se dê por agravado
Não se dê por agravado

Que só não lhe cantei primeiro
Porque tinha reservado
Porque tinha reservado

E também a dona dele
Eu não sei ela quem é
Eu não sei ela quem é

É um cravo e uma rosa
Com açucena no pé
Com açucena no pé

E também o Sr. Tadeu
Santos Reis lhe pede a oferta
Santos Reis lhe pede a oferta

Ele pede a santa oferta
Mas não é por caridade
Mas não é por caridade

Ele pede é experimentando
Quem dá de boa vontade
Quem dá de boa vontade

Lá do céu evém caino
Três pinguin de água de chero
Três pinguin de água de chero

E da cepa nasceu a rama
E da rama nasceu a flor
Da rama nasceu a flor

E da flor nasceu Maria
Mãe do nosso Salvador
Mãe do nosso Salvador

Ora e via e ora e via
Viva os três Reis primeiro
Viva os três Reis primeiro

São José e Santa Maria
Mãe do Cristo verdadeiro
Mãe do Cristo verdadeiro

Essa é a cantoria que normalmente ocorre nas casas que visitam. Neste caso, especificamente, observamos que quando os foliões já estavam para finalizar a função naquela residência, eles voltaram para os agradecimentos. Isso se deu porque o mestre foi alertado sobre a presença de visitantes na casa. Sendo assim, entoaram mais algumas estrofes para incluir o senhor Tadeu, que não havia sido nomeado, junto com D. Cida, a dona da casa – o que foi razão para mais uma rodada de argumentações e peditórios. Seu Zé Preto explicou que, nessa situação, permite-se fazer uma emenda, sem precisar repetir toda a introdução da narrativa. Aqui, observamos que o lapso exigiu uma deferência dirigida também à esposa do visitante que, embora não se soubesse o nome, foi agraciada com os versos:

E também a dona dele
Eu não sei ela quem é
Eu não sei ela quem é

É um cravo e uma rosa
Com açucena no pé
Com açucena no pé

Os versos mencionam a flor de açucena que representa pureza e fé no imaginário cristão. A habilidade do folião de guia em sair de determinadas situações é testada em diversos momentos, seja por razão de promessa do dono da casa, ou por rituais que se deva cumprir em locais sagrados, como cemitérios, cruzeiros, capelas. Cada situação exige um tipo próprio de canto e os percussionistas são, geralmente, preparados para um dia assumirem o posto de folião de guia.

Os instrumentos na folia não são fixos. Eles variam de acordo com a disponibilidade tanto do instrumento, quanto do músico em cada localidade. É comum que o músico mais preparado do grupo se torne o responsável para cuidar da afinação dos instrumentos. No caso da folia de reis dos Figueiredos, seu instrumental é rico e variado, contando, inclusive, com um *luthier* e mestre de viola, que possui um conhecimento formal da música. Ele é o encarregado da afinação e da qualidade dos acordes dos instrumentos grupo.

Na comunidade Pé da Serra, a folia possui o seu próprio acervo de instrumentos e um dos músicos é o encarregado de acompanhar a afinação geral. Nesse caso, trata-se de um músico leigo, que não conhece as notas e não sabe ler partituras. Contudo, o seu ouvido apurado detecta a afinação adequada dos instrumentos. Antes de iniciar a cantoria, é ele quem ajusta os instrumentos de todos.

Já na folia do Alegre, em toda a comunidade não é possível encontrar um único sanfoneiro para acompanhar o terno. E isso, segundo sua mestra e foliã d. Zilda, interfere na sonoridade do grupo. A cadência desse terno é marcada apenas por instrumentos de percussão. Ela nos conta a falta que a sanfona faz para a marcação do tempo musical da folia:

> [...] hoje nós não temos um sanfoneiro pra folia de reis, e a sanfrona ela é super importante, sabe por causa de quê? É porque ela sai na frente, né? E quando não tem a sanfrona você é obrigado, a voz cê força mais [...] aí cê tem que tirar num tom mais alto pra as pessoas também pode acompanha. A sanfrona te ajuda bastante [...]. É a sanfrona que faz todo o acompanhamento e hoje, sem a sanfrona, é a caixa, né? A caixa, ela sai primeiro. Mas, de qualquer forma, a voz da gente fica bem, né? Cansativo. (SANTOS, Z., 2012).

Mas um grupo, ou terno, de folia de reis não se faz apenas de foliões e mestres. A figura do festeiro, também denominado imperador ou embaixador, é de extrema importância. Festeiro é aquele que fica responsável pela organização da festa *de entrega da folia*. Essa é uma função que se alterna a cada ano com o ato *ritual de entrega do ramo*. Geralmente tratado como imperador, ele segue com a folia e, em geral, é quem recebe as oferendas. Pode ser apenas um, ou vários, como observamos na festa do Alegre e do Pé da Serra, onde são indicados três *festeiros*. Na comunidade Alegre, no ano que acompanhamos o grupo, foram dois os *festeiros* responsáveis pela promoção da festa. Eles podem ser escolhidos motivados por promessa ou, simplesmente, pelo rodízio estabelecido dentro da própria comunidade.

Mesmo com a escolha do festeiro, a organização da festa de entrega conta com o envolvimento de toda a comunidade. Todas as oferendas feitas a Santos Reis são revertidas para esse momento. Em geral, as esmolas não são suficientes para suprir todos os gastos da festa, sendo necessário que os festeiros completem-nas com recursos próprios. Apenas no Terno dos Figueiredos as ofertas dadas aos Santos Reis são dispensáveis para a realização da festa. Assim, o que foi recolhido e for possível estocar, como animais vivos e dinheiro, é repassado em momento oportuno aos próximos festeiros. Segundo seu imperador:

> [...] uma coisa peculiar da minha família, de quando eu entrei na folia, é que nós nunca dependemos da esmola que a gente ganha pra podê fazê a festa da folia. Toda vida quando a gente sai, praticamente, a festa já está pronta. Então, a gente não sai arrecadando bens, presentes pra podê fazê a festa, não. Santos Reis sempre nos deu essa condição, quando nós sai a festa... tá pronta. É por isso que a gente prima pela espiritualidade. (FIGUEIREDO, M., 2011).

Na comunidade Alegre, o festeiro é escolhido entre as cinco famílias que compõem a *irmandade*. Nem todos são parentes e muitos deles aderiram há pouco tempo ao grupo. Os recursos angariados no giro da folia junto à comunidade são, nesse caso, essenciais e, em geral, insuficientes para a realização da festa. Por essa razão, assim que é anunciado o festeiro do ano seguinte, a sua primeira iniciativa, tão logo volte para sua casa, é a separação de um leitão para os Santos Reis. O animal permanecerá na engorda durante o ano todo especialmente para a festa.

Logo depois do encerramento da festa, a irmandade de foliões do Alegre inicia os trabalhos de limpeza e devolução de tudo aquilo que foi emprestado pelas pessoas do lugar: a *tenda*, o equipamento de som, a geladeira. A limpeza da casa e dos utensílios utilizados na festa, tudo é organizado coletivamente. Depois de uma noite inteira de batuques e festejos, eles continuam firmes, nos disseram que só vão descansar no final do dia. As partes do leitão que não foram aproveitadas na festa, como a gordura, vísceras e pele, são distribuídas entre os foliões, com prioridade para os mais carentes dentro do grupo.

A saída dos grupos para giro inicial ocorre a partir da casa do festeiro. Alguns ternos que observamos iniciam sua jornada no dia 24 de dezembro, como é o caso da Folia de Reis do Alegre. Outros saem no dia 30, e outros no 31 de dezembro, como é o caso do Terno dos Figueiredos. Há sempre uma tradição interna ao grupo que rege o tempo sagrado de peregrinação de cada folia.

Como iniciam a jornada partindo da casa do festeiro, a *entrega* da folia também ocorre em sua residência. Na maioria dos casos que observamos, a entrega se dá na noite do dia 06 de janeiro, dia de Santos Reis. Para essa situação também encontramos variantes. Na Folia da comunidade Pé da Serra, a entrega é sempre no dia 05 de janeiro, à meia noite. Geralmente, os foliões deixam algumas casas próximas da residência onde se realizará a festa para cantar nelas nesse dia. Por último, cantam na casa do festeiro, onde ocorre o jantar que é distribuído a toda a comunidade. A primeira mesa é solene, e nela são servidos primeiro os foliões e os convidados especiais.

No Pé da Serra, isso ocorre com muita pompa. Somente nós, pesquisadores, e os policiais que iriam fazer a segurança do local fomos convidados a compor essa primeira mesa solene. Contudo, na comunidade de Alegre, são os foliões que servem os convidados ilustres, ou seja, todas pessoas da comunidade que colaboraram com doações. Os foliões servem a todos primeiro e não tomam parte nas diversas e lautas mesas que são repostas a todo o momento. A comida é farta e distribuída a todos que queiram chegar.

Considerações Finais

A análise das folias de reis em Januária denota a riqueza dessa representação religiosa ainda muito viva na região do Norte de Minas. São grupos que constroem expectativas e estratégias muito diferentes uns dos outros para a manutenção de suas práticas devocionais.

As condições de permanência e preservação desse tipo de memória/arte, com sua estrutura alicerçada na oralidade, esbarram no processo de transmissão desse legado. Não é fácil encontrar jovens que queiram dar continuidade aos ensinamentos dos velhos mestres. Algumas vezes, determinados aspectos da tradição já não fazem mais sentido para alguns jovens, para os quais o horizonte de expectativas nas grandes cidades se mostra mais sedutor. A manutenção de uma memória só faz sentido quando ela está ancorada na realidade de seus portadores, e a realidade no universo tradicional rural brasileiro, neste momento, é de intensa desagregação.

Os ternos de reis nos ensinam que o recurso a uma tradição está sempre ancorado em uma memória atualizadora, caso contrário essa tradição correria o risco de perder completamente o sentido, tornando-se uma representação destituída de razão prática – um teatro, um espetáculo, carregado de conteúdo pedagógico, mas carente de significados simbólicos. As permanências religiosas persistem em meio ao contexto de transformações sociais, econômicas e culturais. Essas práticas são constantemente atualizadas para garantir a coerência das ações em torno da devoção aos Santos Reis através dos séculos.

Assim, atravessados por clivagens modernas e tradicionais, os grupos populares criam e recriam novas redes e nós em espaços outros, que vão muito além de Januária e de Minas Gerais. Se (re)inventando e ao mesmo tempo salvaguardando uma memória que se converge, a um só tempo, em identidade e patrimônio.

Notas

1 Função é uma antiga denominação para festividades religiosas e também familiares, como batizados, casamentos, aniversários, empregada no sentido de baile, *soirée* ou partida. (CASCUDO, 2002, p. 252-253).

2 Em vários lugares, isso também foi observado. (BRANDÃO, 1981, 1989, 2004; CHAVES, 2009).

3 Os Santos Reis são como tantos outros santos populares não reconhecidos legalmente pela Igreja que povoam o imaginário religioso popular. Contudo, pontualmente, em vários lugares a Igreja participa do ritual, dirigindo ou fazendo o encerramento da festa com uma missa. (CORREIA, 2004).

Referências

BÍBLIA Sagrada: N. T. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. p. 5-6.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura na rua**. Campinas: Papirus, 1989.

_____. **Sacerdotes de Viola**: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____ **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: UFG, 2004.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2002.

CHAVES, Wagner Neves Diniz. **A bandeira é o santo e o santo não é a bandeira**: práticas e presentificação do santo nas folias de reis e de São José. 2009. 282f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CORREIA, Iara Toscano. **João Relojoeiro**: um santo no imaginário popular. Uberlândia: EDUFU, 2004.

FIGUEIREDO, Antônio Borges. **Antônio Borges Figueiredo** [set. 2011]. Entrevistadora: Iara Toscano Correia. Januária, 2011. 1 arquivo mp3.

FIGUEIREDO, Miguel Borges**. Miguel Borges Figueiredo** [nov. 2011]. Entrevistadora: Iara Toscano Correia. Bonito de Minas, 2011. 1 arquivo mp3.

FOLIA DO ZÉ PRETO. **Captação de áudio da folia do Zé Preto** [jan. 2012]. Captação de audio: Iara Toscano Correia. Brejo do Amparo, 2012. 1 arquivo mp3.

FONSECA, Edilberto José de Macedo. **Terno dos Temerosos**. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/CNFCP/ Ponto de Cultura Centro de Artesanato, 2010 . (Encarte CD)

OLIVEIRA, José Correia de. **José Correia de Oliveira (Zé Preto)** [jan. 2012]. Entrevistadora: Iara Toscano Correia. Brejo do Amparo, Januária, 2012. 1 arquivo mp3.

_____. **José Correia de Oliveira (Zé Preto)** [jan. 2011]. Entrevistadora: Iara Toscano Correia. Brejo do Amparo, Januária, 2011. 1 arquivo mp3

ROCHA, Olegária Nunes da. **Olegária Nunes da Rocha** [jan. 2012]. Entrevistadora: Iara Toscano Correia. Januária, 2012. 1 arquivo mp3

SANTOS, Francisca Pereira dos. **Francisca Pereira dos Santos (D. Chica)** [jan. 2011]. Entrevistadora: Iara Toscano Correia. Januária, Alegre, 2011. 1 arquivo mp3

SANTOS, Zilda Soares dos. **Zilda Soares dos Santos [jan. 2012].** Entrevistadora: Iara Toscano Correia. Januária, Alegre, 2012. 1 arquivo mp3

WEITZEL, Antônio Henrique. Folia de Reis. **Revista Comissão Mineira de Folclore**, Belo Horizonte, n. 22, ago. de 2001.

Recebido em 12 de maio de 2017
Aceito em 09 de janeiro de 2018